

O ENSINO DE GRAMÁTICA NA ESCOLA PÚBLICA: QUESTÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LETRAS

Rosângela Maria Bessa VIDAL¹¹³

Mizilene Kelly de Souza BEZERRA¹¹⁴

Resumo: Neste trabalho, analisamos o ensino de gramática na escola, tendo como base as questões que contribuem para a formação do professor. Utilizando-nos dos princípios teóricos formulados por Perini, Travaglia, Vidal, Furtado da Cunha, dentre outros, analisamos a Proposta Curricular para o Ensino Médio e o Programa Geral de Disciplina (PGD) de graduação de Letras/CAMEAM/UERN. Os achados desta pesquisa apontam barreiras ainda existentes entre os aspectos teóricos do ensino de gramática e a realidade encontrada na sala de aula, mesmo diante de disciplinas que apontam a importância do caráter discursivo e daquelas que auxiliam na formação do professor.

Palavras-chave: Ensino. Gramática. Discurso. Formação de professor. Proposta Curricular. Funcionalismo.

Abstract: *In this work, we analyse the teaching of grammar in school, based on the issues that contribute to teacher training. Using the theoretical principles formulated by Perini, Travaglia, Vidal, Furtado da Cunha, among others, analyse the proposal for the High School Curriculum and program of this survey indicate barriers still exist between the theoretical aspects of teaching grammar and reality found in the classroom, even with subjects that link the importance of discursive and those that assist in teacher training.*

Keywords: *Teaching. Grammatical. Speech. Teacher's formation. Proposal Curricular. Functionalism.*

¹¹³Professora adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Integra o Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN), como docente permanente. Doutora em Estudos da Linguagem, com área de concentração em Linguística Aplicada, no Programa de Pós-Graduação da UFRN. Pau dos Ferros, RN, Brasil, e-mail: rosangelavidal@uern.br.

¹¹⁴Aluna do Curso de Aperfeiçoamento/Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua/UERN. Pau dos Ferros, RN, Brasil, e-mail: kelly_mizilene@hotmail.com.

Considerações introdutórias

Um grande número de pesquisas direcionadas a reflexão do ensino de gramática na sala de aula vem sendo desenvolvidas, sendo essas de suma importância tanto para a compreensão de teorias já difundidas como também para o surgimento de novas.

Com o intuito de colaborar com essas novas investigações, pretendemos por meio da elaboração deste trabalho discutir o ensino de gramática e a formação do professor de Letras, tendo em vista os trabalhos realizados na instituição pública, buscando compreender a relação entre os pressupostos estabelecidos nos PGDs de graduação do curso de Letras: Língua Portuguesa – UERN e a postura assumida pelo professor do Ensino Médio na sala de aula, contribuindo dessa maneira com o processo ensino-aprendizagem de língua materna.

Assim, será possível compreender um pouco a relação existente entre a universidade e o ensino na escola pública, comparando as teorias estudadas na academia com a realidade da prática escolar. Desse elo resultam inúmeras informações no que competem os questionamentos postos na formação do professor e o que realmente é verificado no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, lançamos o olhar diante dos PGDs e dos planejamentos dos professores do Ensino Médio na escola pública.

Cabe observar que esta pesquisa se coloca diante do universo que compreende os estudos linguísticos, por isso inserimos sua investigação no campo da linguística aplicada. Podendo ser caracterizada como uma pesquisa de caráter qualitativa, sendo esta realizada por meio de procedimentos comparativos e da técnica da pesquisa documental e bibliográfica. Os documentos que constituem a base para as reflexões que compõe esse trabalho é o *corpus* PGDs utilizados nas disciplinas Morfossintaxe I, II, e III da graduação do curso de Letras/CAMEAM/UERN e a Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o Ensino Médio de uma escola pública no município de Pau dos Ferros/RN; os PGDs utilizados foram somente aqueles da habilitação de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas; ressaltamos ainda que os PGDs selecionados foram aqueles que se concentraram na área do ensino de gramática e apresentados durante o semestre letivo 2010.2, enquanto a Proposta Curricular da escola pública foram os equivalentes ao uso no ano letivo de 2010.

O passo seguinte após a coleta do *corpus* foi justamente o trabalho de analisá-lo, interpretá-lo, desencadeando as questões estabelecidas para então encaminharmos o desenvolvimento dessa pesquisa, no desejo de tornar mais produtivas as aulas de Língua Portuguesa, especificadamente as aulas de gramática, além de refletirmos sobre a teoria Funcionalista posto que se faz necessária sua exposição no contexto deste trabalho.

A gramática numa perspectiva teórica

A atual situação do ensino público no Brasil sofre severas críticas, seja no que diz respeito ao processo de ensino – aprendizagem, seja na formação dos professores.

Isso decorre pelo fato de “[...] o ensino do português muitas vezes difunde a crença de que existe uma maneira ‘certa’ de usar a língua, e que essa é a única maneira aceitável; todas as outras são ‘erradas’ devem ser evitadas”. (PERINI, 2006, p. 21)

Formações continuadas são algumas das opções para que os professores possam se reciclar e aprender cada vez mais, auxiliando assim, a construção de um aprendizado mais significativo.

Essa discussão difundida no meio acadêmico sobre a tradição gramatical no ensino da língua materna sempre foi bastante animada, mantendo a dúvida de como unir os valores conservadores com os novos, numa perspectiva mais produtiva da gramática na sala de aula, “como casar o espírito conservador da norma pedagógica com os novos ventos da história” (CASTILHO, 1980, p.17).

Quando falamos em desenvolver um trabalho direcionado para o ensino de gramática, não podemos deixar de contemplar algumas concepções existentes. Dos vários autores que discutem o papel da gramática no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, podemos citar Perini (2006), Possenti (1996), entre outros.

Geralmente esses trabalhos acabam por apresentar três tipos básicos de gramática: gramática prescritiva ou normativa; gramática descritiva e a gramática internalizada.

A gramática normativa busca “[...] estabelecer como as pessoas devem falar ou escrever” (PERINI, 2006, p.21) criando a concepção de certo e errado na língua. Já para a gramática descritiva, o trabalho se dá em descrever como as pessoas falam ou escrevem e não em ditar o que se deve ou não se deve fazer, diferentemente da gramática escolar com a qual estamos habituados e que já foi mencionada

anteriormente.

Dessa forma, Murrier (1994) *apud* Araújo (2002) acrescenta “considera-se a gramática, nesta perspectiva, todo o texto produzido (escrito ou oral) dentro de um determinado contexto e aceito como correto, na comunidade linguística em que está inserido”.

Outro tipo de gramática é a internalizada. Em sua caracterização; Perini (2006) a define como “um sistema de regras, unidades e estruturas que o falante de uma língua tem programado em sua memória e que lhe permite usar sua língua”. A memorização imperceptível é constituída ainda na infância e desenvolvida no decorrer dos anos, assim completa Possenti (1996) ao definir a gramática internalizada como “um conjunto de regras dominadas pelo falante.”

Muito se tem discutido sobre o ensino de gramática, uns defendem a continuação dos estudos através da normativa, outros priorizam a concepção mais “inovadora”, partindo dos conhecimentos a respeito da língua adquiridos pelos alunos no dia a dia. No entanto, o que percebemos é que as aulas de português não estão acontecendo de forma satisfatória, os conteúdos gramaticais são ensinados ano após ano, sem muito êxito. Algo está sendo realizado de forma a não permitir o andamento do ensino de gramática no nível satisfatório de aprendizagem. Assim, entendemos que cabe às organizações educacionais e àqueles que as compõem, refletir seu ensino.

O ensino de língua materna deve auxiliar na formação de indivíduos seguros diante do que pensam e do que falam um ensino que abarque a escrita e também a oralidade. Afinal, privilegiar apenas uma dessas competências significa subtrair aspectos do fenômeno linguístico, que se constitui tanto na língua falada como na língua escrita. Em outras palavras, uma necessita da outra para que o ensino seja suficientemente eficaz.

Uma discussão sobre a abordagem funcionalista

A discussão sobre o funcionalismo se fortalece no seio das inúmeras pesquisas que buscam compreender as teorias linguísticas. O incessante interesse em construir uma teoria que venha a preencher as lacunas encontradas nos estudos sobre as línguas naturais acabam sendo o objetivo de muitos estudiosos.

Dessa forma, Ferdinand Saussure iniciou as suas contribuições. Reforçando uma

nova teoria na análise linguística, é o surgimento do Estruturalismo, em que a língua é vista apenas como estrutura, mais uma concepção que segundo Vidal (2009, p.29): “[...] motiva a revisão de conceitos epistemológicos até então praticados, uma normalidade no trabalho de caráter científico em que o convívio e o embate teórico acionam ininterruptas mudanças”.

No caminho das modificações, surge também o gerativismo, modelo no qual a língua é vista “[...] como um produto biológico e mental, inato e universal”. (VIDAL, 2009). Dessa maneira, é possível observar o fechamento de um ciclo teórico homogêneo, e uma abertura para o campo das diversidades linguísticas. Esses avanços demonstram o nascimento de outras teorias ligadas diretamente à diversidade, tais como a linguística funcional.

Os estudos funcionalistas foram se fortalecendo à medida que trabalhos também foram sendo realizados na área. Roman Jakobson, André Martinet, Halliday, Simon C. Dik, Labov, entre outros, foram precursores dos novos estudos.

O funcionalismo superou os estudos formalistas, aqueles que veem a língua como imutável e desligada do contexto comunicativo. Isso porque segundo Furtado da Cunha (2008, p.157), o funcionalismo “[...] se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”. Para Neves:

[...] o funcionalismo é uma teoria que se liga, acima de tudo, aos fins a que servem as unidades linguísticas, o que é o mesmo que dizer que o funcionalismo se ocupa, certamente, das funções dos meios linguísticos de expressão. (2006, p.17)

A linguagem no funcionalismo é observada em seu contexto sócio-comunicativo, em seu uso real. O foco passa a ser a relação da língua com o meio, deixando de ser vista como autônoma e estável noção defendida pela linguística formal que se limitava em descrever a língua desconsiderando o contexto comunicativo.

Nessa perspectiva, é possível compreender que o pensamento funcionalista não se limita a frases e períodos isolados, mas insere em seus estudos gramaticais os atos enunciativos do discurso. Furtado da Cunha (2007) sobre isso escreve:

Nesse quadro, as análises linguísticas se baseiam no uso concreto da língua pelos falantes, admitindo que a gramática se molda a partir do uso linguístico que se dá em situações comunicativas. A gramática é, pois, o resultado da cristalização ou regularização de estratégias

discursivas recorrentes, que decorrem de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso, as regularidades observadas no uso interativo da língua são explicadas com base nas produções discursivas em que se verifica esse uso. (p.116)

Diante de tudo que foi discutido, podemos entender o funcionalismo linguístico numa perspectiva que busca contemplar o uso da língua, partindo da premissa que ela sempre está em constante elaboração, num processo nunca totalmente acabado.

A relação entre o ensino de gramática e a formação do professor de Língua Portuguesa

As aulas de Língua Portuguesa em nossas escolas ainda persistem em uma prática pautada, principalmente, em exercícios tradicionais de gramática, embora saibamos da necessidade de um trabalho voltado para a reflexão da língua.

Infelizmente, o ensino de gramática tem sido associado às atividades mecânicas, tais como, os estudos dos verbos, nomes, pronomes, conjunções, sendo-nos apresentadas para a simples ação de identificar e classificar, desvinculada do uso. Com base nisso, Antunes (2007, p.19) destaca:

Um exame mais cuidadoso de como o estudo da língua portuguesa acontece, desde o Ensino Fundamental, revela a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos aspectos, ainda mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizada.

A perpetuação de práticas normativas, desvinculadas das diversas situações de interação e uso real da língua permanecem como atividades no ensino de gramática. Para Furtado da Cunha (2007, p.14-15):

O ensino de língua materna tem, em geral, tratado as questões gramaticais de modo artificial, distanciando-as das situações de uso, e, assim, deixando de considerar justamente os aspectos centrais de sua natureza: as relações entre formas e funções dependem da gama de fatores que interferem em cada interação comunicativa.

Aos poucos, os recentes programas curriculares de graduação e/ou formações continuadas já apresentam disciplinas com atividades que contemplam as capacidades comunicativas e cognitivas. Entretanto, o que ainda observamos talvez pela tradição escolar ou pela acomodação de alguns professores é o ensino pautado nos conteúdos dos

livros didáticos os quais se baseiam, em sua maioria, em tópicos de redação, leitura, interpretação ou então em atividades sistemáticas sobre a gramática.

As exigências se concentram em decorar conceitos, classificações diversas, desvinculadas do uso. Os professores acabam se limitando à “[...] tarefa de dar aulas sem tempo para ler, para pesquisar, e para estudar”. (ANTUNES, 2003, p.17)

Para Antunes (*op. cit.*):

O que está em jogo nesse ensino é prioritariamente pretender que o aluno saiba o nome que as coisas da língua têm; ou seja, o que centraliza esse ensino é saber rotular, saber reconhecer e dar nome às coisas da língua. (p.87).

Trabalhada dessa forma, estudar a gramática se torna uma atividade esgotante, por isso as constantes críticas dos alunos, afinal eles convivem com uma língua dinâmica, língua essa, na maioria das vezes, não apresentada na escola.

Dessa maneira, o ensino:

[...] desestimula a curiosidade intelectual dos jovens alunos: de um lado, uma língua para concursos, estática “a mais difícil e mais complexa de todas”, “a mais chata”; “a mais complicada” aquela que se aprende para ser esquecida algumas horas após a prova; do outro, uma língua dinâmica, criativa, produtiva, maleável no preenchimento das necessidades comunicativas de seus usuários. (FURTADO DA CUNHA, 2007, p. 14)

Em geral, os estudos desenvolvidos pouco colaboram no processo da competência linguística que pretendemos para o aluno – usuário da língua. Isto é, que sejam capazes não só de compreender, mas também de produzir textos de maneira eficiente.

Recentemente, os livros didáticos alteraram as abordagens do ensino de gramática. Agora, encontramos tirinhas, contos, crônicas, em detrimento dos textos consagrados. Tornou-se, assim, contextualizada com exercícios baseados nos textos. Contudo, o desafio persiste, pois as frases são retiradas e voltam a ser analisadas isoladamente.

Cabe ainda destacar, dos dizeres de Faraco e Castro (2000):

A crítica básica e fundamental dos linguistas ao ensino tradicional recaiu sobre o caráter excessivamente normativo do trabalho com a linguagem nas escolas brasileiras. Segundo essa crítica, as nossas escolas, além de desconsiderarem a realidade multifacetada da língua, colocaram de forma desproporcional a transmissão das regras e conceitos presentes nas gramáticas tradicionais, como o objeto nuclear de estudo, confundindo, em consequência, ensino de língua com o ensino de gramática. Aspectos relevantes do ensino da língua

materna, como a leitura e a produção de textos, acabaram sendo deixados de lado.

Nesse sentido, percebemos que o ensino se concretizou em classificações distintas do uso efetivo na sociedade.

Centrando agora a atenção sobre os aspectos referentes à formação dos professores e do estudo linguístico, Neves (2003) *apud* Vidal (2009, p.157) reflete por meio de duas premissas:

[...] a primeira é direcionada ao ensino de linguística e coloca em evidência se o aluno de Letras tem consciência do que fazer com a linguística no ensino de língua. A segunda questão aborda a inquietação no tocante ao professor e sua atuação em sala de aula de Português no Ensino Fundamental e Médio, indagando se o conhecimento de linguística adquirido durante o curso permite-lhe desenvolver as aulas de Língua Portuguesa com segurança e competência técnica. Ou, ainda, se a assimilação desse conhecimento não aconteceu, o professor opta por continuar a ministrar suas aulas conforme o modelo que já se apresenta na escola, o que muitas vezes significa o respaldo na gramática tradicional, e uma avaliação negativa por parte do aluno, rotulando-as de desinteressante.

Por esses dizeres, depreende-se que o estudo por si só da linguística não é suficientemente capaz de capacitar o professor para atuar efetivamente na sala de aula. Essa discussão acontece porque só o conhecimento da teoria não recai diretamente na prática de ensino, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio.

Convém destacar que várias são as teorias linguísticas que podem ser utilizadas nas atividades pedagógicas, modificando assim a postura do professor na sala de aula: a Sociolinguística e o Funcionalismo contribuem para essa perspectiva, pois concebem o caráter variável da língua desenvolvendo seu estudo de modo reflexivo e crítico. “Não há linguagem no vazio, seu grande objetivo é a interação, a comunicação com o outro, dentro de um espaço social”. (PCN, 1999, p.125).

Afinal, devemos encarar a língua enquanto multifacetada não como um problema, mas como um fenômeno que merece ser estudado. Não queremos dizer que existe a necessidade imediata de abolição de uma corrente para a inserção de outra, mas que se compreendam as variações e as mudanças linguísticas de modo a investigá-las.

Pode-se dizer, que a teoria desencadeada pelo Funcionalismo constitui-se de valor significativo no processo de formação do professor de Língua Portuguesa. Com isso, no dizer de Vidal (2009):

Ao eleger o uso da língua, os PCN também incorporam uma noção muito cara ao funcionalismo, que é a língua considerada como heterogênea e variável, vez que ela é o passaporte para as transações comunicativas, que são influenciadas por fatores externos e internos, o que significa que a língua é indeterminada e mutável. (p.159)

Diante do que já foi discutido até agora, é notório enfatizar a necessidade de uma mudança de postura do professor no tocante ao trabalho com a gramática. Seu ensino tradicional não pode ser unânime na sala, quando na verdade, existem outros conhecimentos que divergem desse padrão, mas são utilizadas regularmente.

Análise e discussão dos dados obtidos

Temos como propósito nesta sessão discutir os dados colhidos durante nossa análise. Primeiramente examinaremos os achados da Proposta Curricular para então na sequência avaliarmos os Programas Gerais de Disciplina – PGDs.

Gostaríamos de ressaltar que o nosso compromisso neste trabalho consiste na análise do ensino de gramática. Sendo assim, observaremos os encaminhamentos dados nessa direção, deixando os demais para estudos futuros.

Com vistas a auxiliar a compreensão do texto, expomos a seguir um quadro em que buscamos informar sobre os pontos a serem abordados em nosso trabalho:

| <i>Corpus</i> | <i>Aspectos analisados</i> |
|---|----------------------------|
| Proposta Curricular - ESCOLA | Objetivos |
| | Conteúdos |
| | Avaliação |
| | |
| Programa Geral de Disciplina - PGD | Objetivos |
| | Conteúdos programáticos |
| | Avaliação |

Feitos esses esclarecimentos, passemos ao exame dos *objetivos* elencados na Proposta Curricular. Quanto à análise linguística, são propostos os seguintes:

2.1.1 *Propor ao aluno situações linguísticas por meio das quais ele seja conduzido a construir o conceito gramatical em estudo;*

2.1.2 *Possibilita que o aluno amplie gradativamente seu domínio de uso da norma culta, variedade indispensável para a sua participação na vida social letrada;*

2.1.3 *Propor ao aluno situações linguísticas por meio das quais ele seja conduzido a construir o conceito gramatical em estudo;*

2.1.4 *Possibilita que o aluno amplie gradativamente seu domínio de uso da norma culta, variedade indispensável para a sua participação na vida social letrada;*

2.1.5 *Conscientizá-lo da importância de desenvolver certa competência de classificação gramatical, não como “linguagem especial”, mas como algo útil para reflexão a respeito da norma culta e para o emprego eficiente dela;*

2.1.6 *Possibilita que ele, estabelecendo paralelos entre as estruturas gramaticais da norma culta e seus similares presentes nas demais variedades, relativize o conceito de “erro”;*

2.1.7 *Contribuir para que o aluno desenvolva uma visão não preconceituosa em relação às variedades linguísticas divergentes do padrão culto.*

Ponto a ponto, é necessário que façamos nossas observações, de modo a tentar entender o que a Proposta Curricular da escola pretendeu desenvolver durante o ano letivo de 2010.

Em primeiro plano, podemos observar o 1º objetivo para a análise linguística. A proposta dada ao aluno para a construção de seu próprio conceito sobre a gramática, contudo a proposta faz uma ressalva relacionada a essa gramática, pois se fala de conceito gramatical em estudo. Na verdade, ficamos por compreender que estudo é feito na escola sobre a gramática para que o aluno possa assim ser conduzido a uma construção conceitual. Será que estaria ligado às abordagens da gramática tradicional, em que o foco principal está voltado para a normatividade, implicando denominações do que é certo ou errado? Ou ainda, um estudo recente que visa à observação da língua em uso e não o protótipo de gramática ainda enraizada em nossas escolas.

O segundo objetivo deixa evidente a representação do uso da norma culta. Pretende-se capacitar o aluno para que ele possa aos poucos dominá-la. A noção de variação da língua fica evidenciada quando se fala sobre a variedade culta que é indispensável para que nós possamos participar da sociedade. Percebemos que existe o reconhecimento de outras possibilidades de entender a língua, mas o uso da norma culta

continua sendo fortemente defendida. De modo que aquele que não a dominar, dificilmente conseguirá participar socialmente de uma comunidade letrada.

Na sequência, o terceiro objetivo reforça a ideia anterior. Isso porque objetiva desenvolver no aluno a sua reflexão com relação à norma culta, além da capacidade de empregá-la de forma eficiente, ou seja, continua defendendo o modelo da gramática tradicional.

Posteriormente, no penúltimo objetivo acontece a relativização do que se compreende por norma culta, inserindo em sua proposta as demais variedades, atentando para o conceito de “erro” de forma não tão absoluta como se costuma entender.

O último objetivo lança uma percepção inovadora diante do que foi possível atentarmos durante nossas observações até agora. Isso porque alerta para a necessidade de tornar o aluno capaz de transformar a visão preconceituosa diante das demais variedades da língua que não seja a do padrão culto. Atitudes como essa devem estar presentes nas Propostas Curriculares, já que inúmeros estudos apontam para a reflexão da língua em uso, em todas as suas nuances.

No que compete aos *conteúdos*, a 1ª unidade aborda em análise linguística os seguintes pontos:

Estudo funcional e reflexivo da gramática a partir de textos lidos e produzidos em sala de aula;

Estudo dos elementos de coesão e coerência;

Análise das sequências narrativas no interior de cada gênero;

As variedades linguísticas na construção do texto;

Estudo da ortografia, pontuação e concordância a partir das dificuldades dos alunos;

Introdução à linguística: figuras de linguagem.

Para a 2ª unidade, o quadro é o seguinte:

Estudo funcional e reflexivo da gramática a partir de textos lidos e produzidos em sala de aula;

Estudo dos elementos de coesão e coerência nos textos;
Análise das sequências narrativas e descritivas no interior de cada gênero;
Estudo da ortografia, pontuação e concordância a partir das dificuldades dos alunos;

Introdução a semântica: sinonímia, antonímia, homônimos e parônimos.

A 3ª unidade apresenta-se assim configurada:

Estudo funcional e reflexivo da gramática a partir de textos lidos e produzidos em sala de aula;

Estudo dos sons e das letras na construção do texto;

Estudo dos elementos de coesão e coerência nos textos;

Análise das sequências narrativas e descritivas no interior de cada gênero;

Estudo da ortografia, pontuação e concordância a partir das dificuldades dos alunos;

Introdução a estilística: figuras de linguagem.

A 4ª unidade e última da 1ª série do Ensino Médio também pouco acrescenta, vejamos:

Estudo funcional e reflexivo da gramática a partir de textos lidos e produzidos em sala de aula;

Estudo da estrutura e formação das palavras;

Estudo dos elementos de coesão e coerência nos textos;

Análise das sequências narrativas e descritivas no interior de cada gênero;

Estudo da ortografia, pontuação e concordância a partir das dificuldades dos alunos.

Quando partimos para analisar os conteúdos apresentados em cada unidade é interessante observar a existência da repetição durante a distribuição deles entre todas as unidades. Observemos inicialmente que da 2ª unidade para a 1ª o elemento novo que surgiu foi o estudo da coesão e da coerência nos textos; a análise voltada não só para as sequências narrativas, mas também para as sequências descritivas, além da introdução à

semântica. Já na 3ª unidade o elemento novo surge com o estudo dos sons e das letras na construção do texto, retornando ao final com a introdução à estilística vista na 1ª unidade. Para a 4ª unidade o trabalho consistiu em estudar a estrutura e a formação das palavras, além dos outros conteúdos mencionados anteriormente.

O processo avaliativo encontra-se assim definido:

O aluno será avaliado a partir de todas as atividades realizadas em sala de aula, diante da sua assiduidade, do seu desempenho e da sua participação efetiva, seja em atividades individuais ou em grupos, escritas ou orais.

A leitura da Proposta Curricular permite perceber que os parâmetros de avaliação são seguidos sem muita inovação. Consiste no desenvolvimento apresentado durante as tarefas diárias.

Tomando como base tais constatações, podemos refletir sobre o ensino de língua portuguesa, especialmente o estudo da gramática. Será que na escola pesquisada existe um direcionamento metodológico nas aulas gramaticais que tendem a abordar uma visão que considere para estudos a língua em uso, ou seja, uma abordagem discursiva? Entendemos que isso não acontece com muita precisão, porque os conteúdos dados não demonstram que contemplam totalmente essa perspectiva.

Na verdade, existe por parte dos elaboradores dessa Proposta Curricular uma reflexão sobre a corrente da língua em uso, pois em pequenas passagens verificamos a incidência dos questionamentos sobre as variedades que encontramos na língua. De certa forma, consciente ou não dessa importância, é louvável que o professor possa gradativamente ir tomando o domínio dessa visão e, conseqüentemente, inserindo-a em seus planejamentos. Por essa razão o professor deve além de incorporar certos termos da gramática em sua prática, se conscientizar acerca da teoria que sustenta esses conceitos de modo que façam sentido para serem materializados em sala.

Outro ponto já mencionado anteriormente, mas que necessita ser melhor apresentado, está relacionado aos conteúdos em constante repetição durante a Proposta Curricular. Poderíamos justificar tal repetição tomando como foco a aprendizagem, ou seja, é satisfatória para o conhecimento do aluno a reiteração dos conteúdos com tanto rigor?

O ensino de gramática deve ocorrer vislumbrando o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, auxiliado-o a dizer a mesma coisa de diferentes formas e em situações distintas de interação.

As inúmeras repetições parecem não contribuir para um quadro satisfatório de aprendizagem, pois a concepção de gramática para alguns professores ainda reside nas nomenclaturas que devem ser memorizadas. Por isso os alunos continuam escrevendo e lendo com dificuldade.

Feitas as considerações referentes à Proposta Curricular objeto desta pesquisa, passamos a focalizar a análise de outro documento do *corpus*: os PGD do curso Letras/CAMEAM, notadamente aqueles que se relacionam ao trabalho com a gramática. Cumpre-se esclarecer que para efeito de amostragem iremos refletir baseados em três disciplinas: Morfossintaxe I, II, e III.

| Disciplina | *CH | Período | Semestre | Turno |
|-------------------|--------|---------|----------|----------|
| Morfossintaxe I | 60 h/a | 4ª | 2010.2 | Noturno |
| Morfossintaxe II | 60 h/a | 5º | 2010.2 | Matutino |
| Morfossintaxe III | 30 h/a | 6º | 2010.2 | Noturno |

*Carga Horária

A Morfossintaxe é uma disciplina essencial na compreensão da gramática, pois estuda a relação entre a classe gramatical de uma palavra e sua função sintática. Suas abordagens, por apresentar certa complexidade, não podem se concentrar em apenas uma disciplina, passando a se subdividir em três etapas.

Nessa primeira etapa denominada de Morfossintaxe I, é possível perceber a iniciação dada no que diz respeito aos estudos voltados para a gramática, seus fundamentos básicos de estrutura e formação, flexão nominal e verbal, além de classificação dos vocábulos, como exige a sua ementa: Análise mórfica. Estrutura e formação dos vocábulos. Flexão nominal e verbal. Classificação dos vocábulos numa perspectiva morfossintática.

Ressaltamos também a importância dada nos objetivos sobre a aplicabilidade desses estudos em sala. Se todas as disciplinas partissem desse pressuposto, possivelmente o ensino em nossas escolas estaria sendo melhor desempenhado. Assim os *objetivos* pretendem: proporcionar ao aluno uma visão sincrônica do sistema morfológico da Língua Portuguesa, tendo em vista o reconhecimento e a compreensão dos fundamentos teórico-metodológicos dos nomes e dos verbos do português, além de

perceber os aspectos morfossintáticos da língua materna de forma contextualizada e aplicada ao ensino.

Sendo o curso de Letras uma licenciatura, que por sua vez orienta e forma professores, se fazem mais que necessários os estudos não somente teóricos, mas também que envolvam a dinâmica da sala de aula. A realidade prática do ensino tem sido apontada como uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos atuais mestres, o que diria aqueles recém – formados?

Pensando nessa perspectiva, cabe aos PGDs atentar para a formação do professor de forma eficaz, refletindo para isso sobre as disciplinas ministradas na academia. Será que elas subsidiam a prática? Ou apenas teorizam o que acaba se constituindo como um modelo confuso e não definido.

Os *conteúdos* elaborados foram organizados em três unidades compreendendo princípios da análise mórfica; estrutura e formação dos vocábulos, e classificação dos vocábulos, respectivamente.

Em relação à disciplina Morfossintaxe II, registramos conteúdos apresentados no componente curricular anteriormente comentado. É o caso dos princípios da sintaxe, centralidade do verbo, relação do verbo e nome, bem como a sintaxe funcional, regência e concordância. Os acréscimos nos *objetivos* apenas reforçaram as ideias já apresentadas. Isso também acontece na Morfossintaxe III.

Com relação aos *conteúdos*, diferentemente da Proposta Curricular analisada, percebemos a não repetição das informações. Cada unidade desenvolve propostas diferentes. Para a primeira nós temos a análise sintática, na segunda os termos da oração, e por último, outras perspectivas que abordarão predicadores verbais e nominais, além da sintaxe e discurso.

E, por último, passamos a apreciar o programa da disciplina morfossintaxe III não muito distante do que foi demonstrado anteriormente, esse componente curricular continua a desempenhar em suas unidades os aspectos gramaticais. Diferentemente das demais, apresenta-se com uma carga horária inferior e conteúdos menos numerosos, estão organizados em apenas duas unidades, contemplando as ligações sentenciais, bem como concordância e estilo.

Já na avaliação, apenas em Morfossintaxe I existe uma maior explanação dos métodos para diagnosticar o aproveitamento dos alunos, acrescentando exposição dos textos pelos graduandos, elaboração de fichamentos, apresentação de seminário e

produção de artigo científico. Prevalece a avaliação contínua que leva em consideração a participação nas aulas.

Mediante a leitura dos dados entendemos que é necessária a mudança de concepção de linguagem e de gramática do professor de português, afinal a seleção dos conteúdos e métodos sofre influência dessa concepção. No entanto, é possível perceber que o quadro relativo ao processo de ensino aprendizagem de gramática vem sendo mudado gradativamente, visto que na universidade já estão sendo oferecidas disciplinas que articulam a teoria com a prática. Em outras palavras, entendemos que o maior obstáculo a ser superado pelos professores é exatamente a dificuldade ainda encontrada de fazer a transposição didática do que é estudado e debatido na academia para a realidade adversa da sala de aula.

Por isso a realização dessa pesquisa, refletir sobre o ensino de gramática tendo em vista o processo de formação dos professores de Letras, atentando para a conscientização das novas abordagens na linguística, principalmente o funcionalismo.

Considerações conclusivas

A problemática descrita nessa investigação fez emergir uma série de questionamentos atinentes ao ensino de língua materna. A gramática ainda hoje é vista como detenção de poder de uma classe favorecida em detrimento da menos favorecida, além de ser entendida como um manual de regras a serem seguidas e decoradas.

Nessa perspectiva refletimos sobre o ensino de gramática desenvolvido no Nível Médio. Para tanto, realizamos uma análise da Proposta Curricular da escola, tendo em vista também os PGDs de graduação em Letras – CAMEAM/UERN. Com eles, foi possível fazer uma abordagem crítica com relação ao processo de ensino-aprendizagem da gramática, levando-nos ao questionamento sobre as falhas ainda encontradas nessa atividade. Será que a formação dos professores não tem sido suficientemente capaz de contemplar concepções acerca do bom desenvolvimento nas aulas de gramática? Ou o que na verdade tem ocorrido é a acomodação dos mestres ao se depararem com uma realidade não muito animadora?

Diante do estudo realizado e dos dados analisados foi possível conhecer um pouco mais sobre as concepções que direcionam o ensino de língua materna, principalmente no que compete à gramática. Registramos para isso abordagens de cunho

teórico, assim como também algumas noções relacionadas à corrente funcionalista que muito contribuiu no fortalecimento desse trabalho.

Após os comentários e revendo os objetivos que motivaram esta pesquisa, podemos acreditar que os fins propostos foram em grande parte alcançados. As conclusões nos fazem entender que as dificuldades encontradas ainda são muitas e que se faz necessária uma maior conscientização de todos com relação à seriedade que envolve o estudo da análise linguística.

E, por fim, certos de que a incompletude desse trabalho oportunizará novos estudos, esperamos ter contribuído para a reflexão na área, principalmente na construção de um indivíduo capaz de reconhecer a importância das diversas variedades da língua, e aos professores esperamos ter trazido o incentivo de buscar novas orientações para melhorar sua prática em sala.

Referências

ANTUNES, I. **Muito Além da Gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

ARAÚJO, A. A. de F. N. **O ensino de Língua Portuguesa e a gramática**: estratégias interativas. Monografia (Especialização em Linguística Aplicada) Departamento de Letras, Campus Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2002.

BRASIL, MEC. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: MEC/Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1999.

CASTILHO, A. T. de. A constituição da norma pedagógica do português. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. nº 22, USP – São Paulo, 1980, p.9-18.

FARACO, C. A.; CASTRO, G. **Por uma teoria linguística que fundamente o ensino da língua materna**. Educar em revista. Curitiba, V. 15, p. 179 – 194, 2000.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: ADUFRN, 2007.

_____. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERINI, M. **Princípios de linguística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

POSSENTI, S. **Por Que (não) Ensinar Gramática na Escola**. São Paulo: Mundo de Letras, 1996.

VIDAL, R. M. B. **As construções com adverbiais em – *mente*: análise funcionalista e implicações para o ensino de língua materna**. 2000. 188 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.